

Os sentidos da “crítica” nos estudos de competência em informação

Bezerra, Arthur Coelho; Beloni, Aneli

Os sentidos da “crítica” nos estudos de competência em informação

Em Questão, vol. 25, núm. 2, 2019

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465658944010>

DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245252.208-228>

Os sentidos da “crítica” nos estudos de competência em informação

The meanings of "criticism" in the studies of information literacy

Arthur Coelho Bezerra 1

*Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia,
Brasil*
arthurbezerra@ibict.br

DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245252.208-228>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465658944010>

Aneli Beloni 2

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
anelibeloni@hotmail.com

Recepção: 25 Abril 2018

Aprovação: 11 Julho 2018

RESUMO:

Os esforços deste artigo se concentram na avaliação dos sentidos do predicado “crítica” associados à competência em informação em alguns dos trabalhos mais citados sobre o tema, nas línguas portuguesa e inglesa. Para tanto, nossa metodologia partiu de um levantamento bibliográfico em bases de dados digitais, com vistas à produção de uma lista de referência de publicações sobre competência em informação que tragam a palavra “crítica” (ou um de seus derivados). A partir dessa lista, foi feita uma avaliação semântica do termo em questão, com o intuito de captar os sentidos atribuídos a tal “crítica”. Além desse objetivo geral, também verificamos, como objetivo específico, a presença de referências aos autores mais conhecidos do pensamento crítico na filosofia, na sociologia e na pedagogia. Os resultados mostraram uma significativa presença do educador brasileiro Paulo Freire, indicando uma aproximação com a pedagogia crítica, porém, uma baixa incidência de diálogos com a filosofia e com a teoria crítica da sociedade, notada pela quase inexistência de menções a sociólogos e filósofos como Kant, Hegel, Marx e Horkheimer. Não obstante, a pesquisa detectou certa afinidade semântica com tal tradição teórica. A conclusão sugere o desenvolvimento da perspectiva crítica rumo ao que vem sendo chamado de competência crítica em informação, de forma a estimular não apenas a reflexão científica, mas também a práxis emancipatória dos indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Competência em informação, Competência crítica em informação, Teoria crítica, Filosofia crítica, Pedagogia crítica.

ABSTRACT:

This article focuses on the evaluation of the meanings of the “critical” predicate associated with information literacy in some of the most cited works on the subject, in both Portuguese and English. Our methodology is based on a bibliographic survey in digital databases, in order to produce a reference list of publications on information literacy that brings the word “critical” (or one of its derivatives). From this list, it is made a semantic evaluation of the term in question, in order to capture the meanings attributed to this “criticism”. In addition to this general objective, we also verify, as a specific objective, the presence of references to the most known authors of critical thinking in philosophy, sociology and pedagogy. The results showed a significant presence of the Brazilian educator Paulo Freire, indicating an approach with critical pedagogy, but a low incidence of dialogues with the German critical tradition, noticed by the almost inexistence of mentions to sociologists and philosophers such as Kant, Hegel, Marx and Horkheimer. Nonetheless, the research also revealed a certain semantic affinity with such theoretical tradition. The conclusion suggests the development of a critical perspective towards critical information literacy, in order to stimulate not only scientific reflection but also the emancipatory praxis of individuals.

KEYWORDS: Information literacy, Critical information literacy, Critical theory, Critical Philosophy, Critical pedagogy.

AUTOR NOTES

1 Doutor; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
arthurbezerra@ibict.br

2 Mestranda; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
anelibeloni@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os pesquisadores de competência em informação costumam apontar o relatório *The information service environment relationships and priorities - related paper nº. 5*, publicado em 1974, como o primeiro documento no qual a expressão “*information literacy*” foi usada. O termo é anunciado logo no resumo do documento, que se propõe a discutir “[...] as relações do Programa Nacional de Bibliotecas e Serviços de Informação com a competência em informação e a informação industrial.” (ZURKOWSKI, 1974, p. 1, tradução nossa).

No texto, Paul G. Zurkowski, então presidente da National Commission on Libraries and Information Science, mostra-se preocupado com os novos serviços de informação e com os novos suportes a ela relacionados, e propõe o desenvolvimento da estrutura da economia da informação já existente, a fim de “[...] alcançar a competência em informação para toda a população.” (ZURKOWSKI, 1974, p. 11). Segundo o documento, indivíduos competentes em informação (*information literates*) seriam aqueles que “[...] aprenderam técnicas e habilidades para a utilização da vasta gama de ferramentas de informação, bem como de fontes primárias para moldar soluções de informação para seus problemas.” (ZURKOWSKI, 1974, p. 9). Sob tal ótica tecnicista, não causa espanto o fato do autor não ter usado a palavra “crítica” sequer uma vez ao longo das 30 páginas de seu texto.

Passados mais de 40 anos, as abordagens do termo multiplicaram-se, contemplando interpretações diversificadas a respeito das “competências”, “alfabetizações”, “letramentos” e “literacias” potencialmente presentes nos indivíduos em interação com a informação. Na esteira dessa ampliação conceitual, algumas novas perspectivas passaram a trazer o predicado “crítica”, no sentido de qualificar as habilidades relacionadas à competência em informação, ou mesmo de propor uma reflexão sobre os construtos teóricos desta. Os estudos da chamada “*critical information literacy*” já se fazem presentes há mais de uma década em publicações internacionais – como mostra a revisão de literatura de Eamon Tewell (2015) – e começam a aparecer, também, em importantes periódicos brasileiros da área de Ciência da Informação (VITORINO; PIANTOLA, 2009; BEZERRA; SCHNEIDER; BRISOLA, 2017). A expressão “pensamento crítico” (*critical thinking*), por sua vez, é usada em artigos acadêmicos pelo menos desde a década de 1980, sendo também encontrada nos principais documentos da American Library Association (ALA), como o *Presidential Committee on Information Literacy: Final Report* (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989), o *Information Literacy Competency Standards for Higher Education* (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2000), e o recente *Framework for Information Literacy for Higher Education* (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2016).

Com o intuito de entender os sentidos do predicado “crítica” que são mobilizados nos estudos de competência em informação, propomos, no presente artigo, uma análise semântica do termo, a partir de um levantamento de alguns dos mais citados trabalhos científicos sobre o tema, publicados em língua portuguesa e inglesa, que empregam a palavra “crítica” (ou algum de seus derivados, como “crítico”, “criticamente” etc.). Como objetivo geral, pretendemos descobrir as formas com as quais a perspectiva crítica pode contribuir para qualificar as habilidades referentes à competência em informação; como objetivo específico, queremos verificar quais possíveis articulações o emprego do termo estabelece com a tradição do pensamento crítico, seja no campo da filosofia, da sociologia ou da pedagogia.

2 METODOLOGIA

Nosso percurso metodológico foi estruturado em quatro fases distintas. Em primeiro lugar, foi feito um levantamento geral das publicações sobre competência crítica em informação no Brasil. Para isso, foram selecionadas algumas das principais bases de dados que contemplam a produção acadêmica brasileira da área de Ciência da Informação (CI): (1) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que integra os

sistemas de informação de teses e dissertações existentes no país; (2) Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), um acervo de publicações brasileiras em CI administrado pela Universidade Federal do Paraná (UFP); (3) Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação do Ministério da Educação que oferece acesso aos textos de artigos de mais de 20 mil revistas nacionais e estrangeiras; (4) Repositório Institucional Digital do IBICT (RIDi), um acervo das publicações científicas produzidas no Instituto; e (5) Google Acadêmico (*Google Scholar*, doravante GS), uma ferramenta de pesquisa do Google que permite recuperar trabalhos acadêmicos, literatura escolar, jornais de universidades e artigos variados que estejam disponíveis na internet.

O termo pesquisado foi “competência crítica em informação”, entre aspas. As buscas foram efetuadas entre setembro e dezembro de 2017. Por se tratar de um ramo da competência em informação ainda pouco explorado no Brasil, a BDTD apresentou apenas um resultado, enquanto a BRAPCI e o portal da CAPES registraram dois resultados cada, e o RIDi retornou três respostas. O GS, por sua vez, recuperou 11 títulos, sendo sete artigos publicados em revista, três comunicações em anais de eventos e uma dissertação de mestrado. Trata-se de uma quantidade numérica discrepante em comparação às outras bases, conforme mostra a tabela abaixo:

TABELA 1
Levantamento geral do tema principal entre setembro e dezembro de 2017

Base de Dados	Número de ocorrências do termo “Competência crítica em informação”
BDTD	1
BRAPCI	2
CAPES	2
RIDI	3
Google Acadêmico (GS)	11

Fonte: Dados da pesquisa.

Em seguida, ainda na primeira fase, a pesquisa sobre competência crítica em informação foi realizada com o termo em inglês entre aspas (“*critical information literacy*”), no mês de janeiro de 2018, nas duas bases de dados mais conceituadas internacionalmente – Web of Science e Scopus – e também no GS. Foram recuperados 32 resultados na Web of Science, 42 resultados na Scopus e 1.380 no GS, mesmo desabilitando a opção de não incluir citações.

TABELA 2
Levantamento geral do tema principal em inglês entre setembro e dezembro de 2017

Base de Dados	Número de ocorrências do termo “Critical information literacy”
Web of Science	32
Scopus	42
Google Acadêmico (GS)	1380

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados evidenciaram, novamente, a maior abrangência do GS em comparação a outras bases de dados, o que nos levou a utilizar seus resultados como referência para a segunda fase da pesquisa[1]

No entanto, observamos que o *ranking* oferecido pelo GS é organizado segundo um subjetivo critério de “relevância”, definido pelo algoritmo da empresa a partir de dados como o número de citações, a disponibilidade do texto completo, o autor e a publicação em questão (MAYR; WALTER, 2007). Como nosso interesse quantitativo se refere ao número de citações, este critério foi usado na segunda fase da pesquisa para reorganizar os resultados apresentados pelo GS, a fim de chegarmos a uma lista de referência dos artigos mais citados (conforme detalhamento na subseção 2.1).

A terceira fase envolveu o acesso aos textos completos dos documentos que compuseram a lista de referência. Os itens em português foram acessados de forma gratuita através do próprio Google; em inglês, apenas um item não estava disponível em acesso aberto, razão pela qual foi descartado.

Finalmente, na quarta fase, efetuamos a análise semântica das ocorrências do termo “crítica” (e derivações) nos textos que compuseram nossa lista de referência. A ferramenta de busca, concedida por programas utilizados na leitura de arquivos digitais em formato *pdf*, foi utilizada na localização de cada menção do radical “critic”, para, então, podermos analisar o sentido conferido à palavra no contexto em que foi aplicada.

2.1 Lista de referências

O levantamento quantitativo que definimos leva em conta os artigos mais citados de acordo com a plataforma GS, obedecendo aos seguintes critérios: para a busca em inglês, nos limitamos ao termo “*critical information literacy*”, pelo fato desta expressão já ter sido usada em um expressivo número de publicações estrangeiras; já para a busca em português, ao invés de nos atermos aos poucos trabalhos publicados sobre competência crítica em informação (que são muito recentes e ainda sem um número relevante de citações), optamos por aumentar o escopo da pesquisa. A busca, neste caso, estendeu-se a publicações que citam qualquer uma das três principais traduções de *information literacy* (“competência em informação”, “competência informacional” ou “letramento informacional”) e também usam, no mesmo texto, o radical “critic” (que recupera variações como “crítica”, “crítico” e “criticamente”). Dessa forma, ficam de fora, evidentemente, todos os textos sobre competência em informação que não mencionam o termo “crítica” (ou suas formas derivadas).

Em inglês, a partir do resultado inicial de 1.360 resultados, foram selecionados os 11 trabalhos mais citados, por conta de um empate no número de citações entre os dois últimos colocados. Em português, a busca foi feita três vezes: em um primeiro momento, a combinação do termo “competência em informação” com o radical “critic” gerou 980 resultados, os quais foram convertidos em uma lista com os dez trabalhos mais citados; na segunda busca, foram 2.360 resultados para “competência informacional” e “critic”, também reorganizados em uma lista com os dez mais citados, sendo cinco já exibidos na lista anterior e cinco novos trabalhos; finalmente, a busca por “letramento informacional” e “critic” trouxe 881 resultados, e a lista com os dez mais citados trouxe quatro novos textos que não figuravam nas duas listas anteriores.

O resultado final, portanto, é uma lista de referência com 11 trabalhos em inglês e outra com 19 em português[2], organizados nas tabelas abaixo segundo o número de citações.

TABELA 3

Lista de referência dos trabalhos em inglês mais citados contendo o termo “critical information literacy”

Autor	Citações	Ano	Titulo
01. BEHRENS, Shirley	526	1994	A conceptual analysis and historical overview of information literacy
02. ELMBORG, James	416	2006	Critical information literacy: Implications for instructional practice
03. MACKEY, Thomas P.; JACOBSON, Trudi E.	320	2011	Reframing information literacy as a metaliteracy
04. MAUGHAN, Patricia Davitt	268	2001	Assessing information literacy among undergraduates: A discussion of the literature and the University of California-Berkeley assessment experience
05. LLOYD, Annemariee	174	2010	Information literacy landscapes: Information literacy in education, workplace and everyday contexts
06. SIMMONS, Michelle Holschuh	171	2005	Librarians as disciplinary discourse mediators: Using genre theory to move toward critical information literacy
07. JACOBS, Heidi	139	2008	Information literacy and reflective pedagogical praxis
08. ŠPIRANEC, Sonja; BANEK ZORICA, Mihaela	137	2010	Information Literacy 2.0: hype or discourse refinement?
09. SUNDIN, Olof	121	2008	Negotiations on information-seeking expertise: A study of web-based tutorials for information literacy
10. ANDERSON, Karen; MAY, Frances A.	120	2010	Does the method of instruction matter? An experimental examination of information literacy instruction in the online, blended, and face-to-face classrooms
11. LIMBERG, Louise; SUNDIN, Olof	120	2006	Teaching Information Seeking: Relating Information Literacy Education to Theories of Information Behaviour

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 4

Lista de referência dos trabalhos em português mais citados contendo o radical “critic” e um dos seguintes termos: “competência em informação” ou “competência informacional” ou “letramento informacional”

Autor	Citações	Ano	Título
01. DUDZIAK, Elisabeth Adriana	331	2003	Information literacy: princípios, filosofia e prática
02. CAMPELLO, Bernadete	196	2003	O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional
03. SILVA, Helena et al.	171	2005	Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania
04. MIRANDA, Silvânia Vieira	142	2004	Identificando competências informacionais
05. SILVA, Márcia Regina da; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini	84	2011	ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA E CIENTOMÉTRICA: DESAFIOS PARA ESPECIALISTAS QUE ATUAM NO CAMPO
06. VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela	70	2009	Competência informacional - bases históricas e conceituais: construindo significados
07. GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias	63	2012	Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem
08. HATSCHBACH, Maria Helena de Lima	57	2002	Information literacy: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior
09. CAMPELLO, Bernadete dos Santos; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves	54	2005	Competência informacional e formação do bibliotecário
10. ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia; ODDONE, Nanci E.	51	2007	Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca
11. HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda	44	2008	Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas
12. DUDZIAK, Elisabeth Adriana	41	2008	Os faróis da sociedade de informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil
13. CAVALCANTE, Lídia Eugênia	40	2007	Políticas de formação para a competência informacional: o papel das universidades
14. DUDZIAK, Elisabeth Adriana	37	2005	Competência em informação: melhores práticas educacionais voltadas para a Information Literacy
15. LECARDELLI, Jane; PRADO, Noémia Schoffen	36	2007	Competência informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2001 a 2005
16. CAMPELLO, Bernadete	35	2007	A escolarização da competência informacional
17. SCHWARZELMÜLLER, Anna F.	23	2005	Inclusão digital: uma abordagem alternativa
18. GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias	18	2008	O papel da experiência na aprendizagem: perspectivas na busca e no uso da informação
19. CAMPELLO, Bernadete Santos	17	2010	Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico

Fonte: Dados da pesquisa.

3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Em relação à lista de referência da Tabela 3, que contém os trabalhos escritos em inglês, notamos que apenas um deles é da década de 1990 (a obra mais antiga é justamente a que possui o maior número de citações da lista), enquanto os demais foram publicados neste século (especialmente entre 2005 e 2011). O texto de 1994 é de autoria de Shirley Behrens, então docente sênior do Departamento de Ciência da Informação da Universidade da África do Sul. Há também dois trabalhos de pesquisadores da Suécia, um do Canadá e um da Croácia, sendo os cinco demais dos Estados Unidos (vide quadro 1).

Dos 11 trabalhos, dez são artigos publicados em revistas científicas das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação e apenas uma das publicações é um livro[3]. James Elmborg, Michelle Simmons e Heidi Jacobs são o autor e as autoras que mais utilizam as palavras “critic” e “critical”. Elmborg e Simmons são também os mais citados entre seus pares na lista (o primeiro está nas bibliografias de Mackey & Jacobson, Simmons, Jacobs, Anderson & May, enquanto a segunda é citada por Špiranec & Banek Zorica, Sundin, Limberg & Sundin).

QUADRO 1
Informações preliminares dos trabalhos em inglês

Autor	Publicação	País de origem
01. BEHRENS	College & Research Libraries	África do Sul
02. ELMBORG	The Journal of Academic Librarianship	Estados Unidos
03. MACKEY, JACOBSON	College & Research Libraries	Estados Unidos
04. MAUGHAN	College & Research Libraries	Estados Unidos
05. LLOYD	Livro (Ed. Elsevier)	Suécia
06. SIMMONS	Libraries and the Academy	Estados Unidos
07. JACOBS	The Journal of Academic Librarianship	Canada
08. ŠPIRANEC, BANEK ZORICA	Journal of Documentation	Croácia
09. SUNDIN	Journal of Documentation	Suécia
10. ANDERSON, MAY	The Journal of Academic Librarianship	Estados Unidos
11. LIMBERG, SUNDIN	Information Research	Suécia

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os 19 textos em português, há um livro, uma dissertação de mestrado em Ciência da Informação e duas comunicações em congresso publicadas em anais dos eventos; os 15 restantes são artigos de periódicos científicos qualificados na grande área de Comunicação e Informação, com destaque para a revista Ciência

da Informação, responsável pela publicação de seis artigos (vide quadro 2). Todas as obras são de autoras e autores brasileiros e encontram-se disponíveis para acesso e *download* gratuito na internet.

Os trabalhos foram publicados entre os anos de 2002 e 2011, sendo a dissertação de Maria Helena Hatschbach a obra mais antiga (vide tabela 4). As autoras Elisabeth Dudziak e Bernadete Campello ocupam os primeiros lugares na relação dos textos mais citados e são as que mais aparecem na lista (três e quatro publicações, respectivamente). Já os trabalhos que mais fazem menção aos termos “crítica” ou “crítico” são o artigo de Elizete Vitorino e Daniela Piantola e o livro de Kelley Gasque (neste caso, também pesa o fato de se tratar de uma obra mais extensa).

QUADRO 2
Informações preliminares dos trabalhos em português

Autor	Publicação
01. DUDZIAK	Revista Ciência da Informação
02. CAMPELLO	Revista Ciência da Informação
03. SILVA et al.	Revista Ciência da Informação
04. MIRANDA	Revista Ciência da Informação
05. SILVA; HAYASHI; HAYASHI	INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação
06. VITORINO; PIANTOLA	Revista Ciência da Informação
07. GASQUE	Livro: Editora FCI/UnB
08. HATSCHBACH	Dissertação UFRJ - ECO/MCT - IBICT
09. CAMPELLO; ABREU	Perspectivas em Ciência da Informação
10. ROSA; ODDONE	Revista Ciência da Informação
11. HATSCHBACH; OLINTO	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
12. DUDZIAK	Informação & Sociedade: Estudos
13. CAVALCANTE	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
14. DUDZIAK	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
15. LECARDELLI; PRADO	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
16. CAMPELLO	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
17. SCHWARZELMÜLLER	Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Informação (CINFORM)
18. GASQUE	Revista Transinformação
19. CAMPELLO	Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao olharmos para os 29 trabalhos em conjunto, chama a atenção o fato da expressão “pensamento crítico” (*critical thinking*) aparecer em três dos dez artigos em inglês analisados e em nove dos 19 trabalhos em português. Conforme visto na introdução, tal expressão consta nos três principais documentos da ALA sobre o tema, figurando também em declarações da International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), como a *Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida* (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS

AND INSTITUTIONS, 2008), as *Recomendações da IFLA sobre a Literacia Informacional e Mediática* (2011), e a *Moscow Declaration on Media and Information* (2012). A alta incidência da expressão nos dá uma pista de por onde começar o trabalho de análise qualitativa.

4 ANÁLISE QUALITATIVA

Em filosofia, o pensamento crítico remonta à antiguidade clássica, pelo menos desde os ensinamentos de Sócrates, registrados em texto por Platão, há mais de 2.400 anos. A etimologia da palavra, oriunda do grego *kritikos* (*κριτικός*), caracteriza a capacidade intelectual de julgamento e discernimento. Séculos mais tarde, essa capacidade de julgamento se torna ponto central na tradição da filosofia moderna alemã, a partir do pensamento de Immanuel Kant. Em *Crítica da Razão Pura*, livro publicado em 1781, Kant desenvolve uma teoria do conhecimento em que a “crítica” é personificada em uma espécie de juiz, a arbitrar sobre as potencialidades e limitações da capacidade humana de conhecer.

Evidentemente que não é efeito de leviandade, mas do juízo amadurecido da época, que já não se deixa seduzir por um saber aparente; é um convite à razão para de novo empreender a mais difícil das suas tarefas, a do conhecimento de si mesma e da constituição de um tribunal que lhe assegure as pretensões legítimas e, em contrapartida, possa condenar-lhe todas as presunções infundadas; e tudo isto, não por decisão arbitrária, mas em nome das suas leis eternas e imutáveis. Esse tribunal outra coisa não é que a própria *Crítica da Razão Pura*. (KANT, 2001, p. 32, grifos do autor).

Além da Crítica da Razão Pura, as obras Crítica da Razão Prática, de 1788 (que se debruça sobre a questão moral), e Crítica da Faculdade de Julgar, de 1790 (que se detém no juízo sobre o belo na natureza e na arte), marcaram, de forma determinante, a filosofia alemã do século XIX, provocando o pensamento de Hegel e, posteriormente, os de Marx e Engels. A conhecida 11ª tese sobre Feuerbach, de Marx, conclama os filósofos a não apenas interpretar o mundo, mas, também, a atuarem de forma prática para a sua transformação.

O pensamento crítico presente no materialismo dialético de Marx, por sua vez, teve grande influência sobre os filósofos alemães da chamada Escola de Frankfurt, com destaque para o artigo “Teoria tradicional e teoria crítica”, publicado por Max Horkheimer em 1937 e considerado o documento inaugural da chamada teoria crítica da sociedade[4]. Em seu texto, Horkheimer afirma que “[...] a teoria crítica não almeja de forma alguma apenas uma mera ampliação do saber. Ela intenciona emancipar o homem de uma situação escravizadora” (1980, p. 156).

[...] a função da teoria crítica torna-se clara se o teórico e a sua atividade específica são considerados em unidade dinâmica com a classe dominada, de tal modo que a exposição das contradições sociais não seja meramente uma expressão da situação histórica concreta, mas também um fator que estimula e que transforma (HORKHEIMER, 1980, p. 136)

No Brasil, a crítica de inspiração marxista se manifesta na análise do sistema educacional feita por Paulo Freire, um dos mais conhecidos escritores do país no exterior. Através de sua pedagogia crítica, Freire fornece um diagnóstico das contradições presentes na educação brasileira e aponta os obstáculos que impedem tal sistema de atuar como força motriz para a emancipação popular. Segundo os preceitos da teoria crítica, o educador também se engajou na práxis transformadora, desenvolvendo um método próprio de alfabetização.

Tendo em vista a tradição do pensamento crítico que acabamos de abordar, e verificando o recorrente uso deste termo nos estudos aqui analisados, esperávamos encontrar propostas de diálogos dos pesquisadores de competência em informação com alguns dos autores supracitados, o que, infelizmente, pouco aconteceu. Nenhum dos artigos da *critical information literacy* analisados menciona Kant, Hegel, Marx ou Horkheimer, e apenas Elmborg (2006) refere-se à teoria crítica, porém sem associá-la a algum pensador em particular.

Entre os brasileiros, Gasque é a única a recorrer a Kant para discutir as origens da ideia de “pensamento reflexivo” (GASQUE, 2012, p. 57) e a relação entre conhecimento e experiência (GASQUE, 2008, p. 153; GASQUE, 2012, p. 75), enquanto Marx é apenas lembrado *en passent* no artigo de Miranda, por sua crítica ao capitalismo (MIRANDA, 2004, p. 112) e por sua perspectiva dialética inspirada em Hegel (MIRANDA,

2004, p. 113). Vitorino e Piantola, por sua vez, se referem à “Teoria Crítica da sociedade”, definindo-a como “[...] resultado da revisão do pensamento marxista, levada a cabo por Adorno, Horkheimer, Marcuse e outros membros da Escola de Frankfurt [...]” (VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 136). Na seção do artigo intitulada “competência informacional crítica”, as autoras citam o texto de Elmborg como exemplo dos estudos baseados na “[...] vertente da teoria crítica, que postula a educação emancipatória e a experiência formativa.” (VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 136).

A surpresa está nas referências a Paulo Freire: a pedagogia crítica do educador é lembrada em três textos em português (DUDZIAK, 2008; VITORINO; PIANTOLA, 2009; GASQUE, 2012) e três em inglês (SIMMONS, 2005; EMBORG, 2006; JACOBS, 2008). É notadamente em Elmborg que identificamos o maior esforço em trazer os entendimentos basilares da pedagogia freireana para qualificar a perspectiva crítica da “*critical information literacy*”:

Freire argumenta que a educação ocidental (especialmente a educação americana) é guiada pela ideologia do capitalismo, e que, consequentemente, as escolas desenvolveram um ‘conceito bancário’ de educação, no qual conhecimento é tratado como capital cultural e econômico, e acumular conhecimento equivale a acumular riqueza. [...] Freire propõe uma pedagogia alternativa, destinada a criar ‘consciência crítica’ nos estudantes. Em vez de focar na aquisição de conhecimento, os estudantes identificam e se envolvem com problemas significativos no mundo. Ao desenvolver a consciência crítica, os estudantes aprendem a assumir o controle de suas vidas e de seu próprio aprendizado para se tornarem agentes ativos, perguntando e respondendo questões que são importantes para eles e para o mundo ao redor deles. (ELMBORG, 2006, p. 193, tradução nossa).

Jacobs, em seu artigo, pontua a intenção de “[...] reiterar a insistência de Elmborg em desenvolver uma prática crítica em biblioteconomia e uma práxis teoricamente informada [...]”. Para abordar o papel dos bibliotecários na atividade educacional de forma sistemática, a autora entende ser necessário “[...] promover hábitos críticos e reflexivos de pensamento, considerando a práxis pedagógica em relação a nós mesmos, nossas bibliotecas e nossos *campi*.” (JACOBS, 2008, p. 256, tradução nossa). No mesmo diapasão, Simmons usa a teoria de gênero pra questionar o foco de muitas publicações sobre competência em informação (como os *Standards* da ACRL) “[...] na aquisição de habilidades, em vez de, mais amplamente, na aprendizagem de práticas discursivas dentro do contexto de uma disciplina acadêmica.”; para a autora, “[...] ajudar os alunos a examinar e questionar o contexto social, econômico e político para a produção e o consumo de informações é um corolário vital para o ensino das habilidades de competência em informação.” (SIMMONS, 2005, p. 299, tradução nossa). As questões que Simmons julga importantes – “Quem se beneficia de ter essa informação publicada e divulgada?”, “Quais vozes não estão representadas nesta pesquisa?” e “O que ‘conta’ como conhecimento nesta disciplina?” (SIMMONS, 2005, p. 308) – são lembradas no texto de Limberg e Sundin (2006, p. 5, tradução nossa).

Não parece coincidência o fato de que os três artigos estrangeiros que abordam a pedagogia crítica de Freire são as únicas publicações comprometidas com uma discussão consubstanciada sobre os preceitos da teoria crítica. Nos demais textos analisados, o que percebemos é o uso de expressões como pensamento crítico (*critical thinking*) e a orientação de avaliar criticamente (*critically evaluate*) a informação, sem maiores convites à reflexão sobre os possíveis significados dessas expressões ou sobre as formas de realizá-las na prática.

Semelhante situação é encontrada nas publicações brasileiras aqui analisadas: fala-se em “pensamento crítico” (HATSCHBACH, 2002; DUDZIAK, 2003, 2005; CAMPELLO, 2003; SCHWARZELMÜLLER, 2005; SILVA et al., 2005; CAVALCANTE, 2006; LECARDELLI; PRADO, 2006; VITORINO; PIANTOLA, 2009; GASQUE, 2012) e também em “abordagem crítica” (CAMPELLO, 2003), “reflexão crítica” (HATSCHBACH, 2002; GASQUE, 2012), “consciência crítica” (SILVA et al., 2005; LECARDELLI; PRADO, 2006; DUDZIAK, 2008), “espírito crítico” (CAVALCANTE, 2006) e “autonomia crítica” (DUDZIAK, 2005); entretanto, raros são os momentos em que notamos um esforço de autoras e autores em aprofundar os sentidos que o predicado pode assumir quando associado a essas expressões.

No caso da proposta de avaliar criticamente a informação, vemos com Campello (2003, p. 32; 2006, p. 67) que a expressão aparece no documento *Information Power*, lançado em 1998 pela ALA, no qual a avaliação da informação “[...] de forma crítica e competente [...]” surge como uma das “[...] normas para a competência informacional.”. Em Gasque (2012, p. 32), o “letramento informacional” tem como uma de suas capacidades a de “[...] avaliar criticamente a informação e suas fontes [...]”, enquanto o “letramento digital”, em Silva *et al.* (2005, p. 33), inclui, dentre as suas habilidades, a de “[...] avaliar criticamente a informação eletrônica.”. Novamente, percebemos a falta de maiores explicações a respeito dos sentidos que a qualificação adverbial “criticamente” empresta ao ato de avaliar.

Embora não tenhamos realizado um levantamento dos usos de possíveis sinônimos para o termo “crítica”, o que podemos admitir é que, se a “crítica” empregada pelos teóricos da competência em informação se aproxima do sentido denotativo de *julgamento*, tal como é comum em um de seus usos correntes na língua portuguesa, podemos trilhar um caminho rumo aos primeiros esboços da filosofia crítica alemã, apresentada no início desta seção.

Quem parece mais se aproximar dessa perspectiva é Elisabeth Dudziak, que aponta, dentre os objetivos da *information literacy*, a formação de indivíduos que “[...] avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimento.” (DUDZIAK, 2003, p. 29). Cinco anos mais tarde, em sua “[...] análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil [...]” (DUDZIAK, 2008, p. 41), a autora irá destacar a importância crescente, para a cidadania, “[...] da dimensão das atitudes e dos valores, que diz respeito à construção dos aspectos críticos, políticos e éticos da ação dos homens.” (DUDZIAK, 2008, p. 42), recomendando a implementação de ações que fomentem a alfabetização crítica, conforme seu desenvolvimento por Paulo Freire (2008, p. 47-48). Nesse ponto, resgata-se um importante sentido conferido à perspectiva crítica desde Marx: o recurso à práxis transformadora pra fins de emancipação (cf. HORKHEIMER, 1980). Em sentido amplo, os teóricos da *critical information literacy* que operam com tal visão de mundo, na avaliação de Vitorino e Piantola, “[...] ampliam o conceito e o papel social da competência informacional [...]”, que passa a funcionar como uma “[...] ferramenta essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de efetivamente determinar o curso de suas vidas.” (VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 136).

5 CONCLUSÃO

Os esforços em torno da produção deste artigo se concentraram na avaliação dos sentidos do termo “crítica” associados à competência em informação em alguns dos trabalhos mais citados sobre o tema, nas línguas portuguesa e inglesa.

Quanto aos objetivos específicos, verificamos a baixa presença de diálogos com a tradição da filosofia e da sociologia crítica, confirmada pela ausência, com raras exceções, de referências ao pensamento de Kant, Hegel, Marx ou Horkheimer. A exceção está na presença mais sólida de menções à pedagogia crítica de Paulo Freire, o que pode indicar um maior diálogo entre os teóricos da competência crítica em informação com a área de educação.

Em relação aos objetivos gerais, no entanto, vemos que, quando acompanhado de uma ação, como na proposta de *avaliar criticamente* a informação, o predicado assume o sentido denotativo de *julgamento*, que se aproxima da perspectiva da filosofia *crítica* kantiana. Nesse viés, o sentido de avaliar criticamente a informação invoca a faculdade de julgar que os indivíduos possuem.

Não obstante, entendemos que o sentido crítico aliado à competência em informação deve apresentar mais do que formulações teóricas gerais, indicando critérios e propondo ferramentas e estratégias para tal avaliação crítica. Para tanto, importa a produção de diagnósticos a respeito das formas e canais pelos quais

a informação circula, seus condicionantes sociais (econômicos, culturais e políticos) e os obstáculos que se impõem contra a autonomia dos indivíduos no regime de informação vigente. É desse modo que a perspectiva de uma competência crítica em informação pode impulsionar a reflexão teórica e a práxis emancipatória que lhe conferem sentido.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Association of college and Research Libraries. Presidential Committee on Information Literacy: final report. Washington: ALA, 1989.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Association of College and Research Libraries. Information literacy competency standards for higher Education. Chicago: ALA, 2000.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Association of College and Research Libraries. Framework for information literacy for higher education. Chicago: ALA, 2016.

ANDERSON, Karen; MAY, Frances A. Does the method of instruction matter? An experimental examination of information literacy instruction in the online, blended, and face-to-face classrooms. *The Journal of Academic Librarianship*, Amsterdam, v. 36, n. 6, p. 495-500, 2010.

ANDERSON, Perry. *A crise da crise do Marxismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BEHRENS, Shirley J. A conceptual analysis and historical overview of information literacy. *College & Research Libraries*, Chicago, v. 55, n. 4, p. 309-322, 1994.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Anna. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 7-16, jan./abr. 2017.

CAMPOLLO, Bernadete dos Santos; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Competência informacional e formação do bibliotecário. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, 2007.

CAMPOLLO, Bernadete Santos. Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. *Encontros Bibli*: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 15, n. 29, 2010.

CAMPOLLO, Bernadete. A escolarização da competência informacional. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2007.

CAMPOLLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, 2003.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Políticas de formação para a competência informacional: o papel das universidades. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2007.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Competência em Informação: melhores práticas educacionais voltadas para a Information Literacy. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. *Anais [...] Curitiba: FEBAB, 2005.*

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, abr. 2003.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Os faróis da sociedade de informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 18, n. 2, 2008.

ELMBORG, James. Critical information literacy: Implications for instructional practice. *The Journal of Academic Librarianship*, Amsterdam, v. 32, n. 2, p. 192-199, 2006.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, 2012.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. O papel da experiência na aprendizagem: perspectivas na busca e no uso da informação. *TransInformação*, Campinas, v. 20, n. 2, p. 149-158, maio/ago. 2008.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. **Information literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2002.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-34, 2008.

HORKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Faróis da Sociedade da Informação**: declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida. Haia: IFLA, 2008.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. Recomendações da IFLA sobre a literacia informacional e mediática. Haia: IFLA, 2011.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. The Moscow declaration on media and information literacy. Moscow: IFLA, 2012.

JACOBS, Heidi LM. Information literacy and reflective pedagogical praxis. **The Journal of Academic Librarianship**, Amsterdam, v. 34, n. 3, p. 256-262, 2008.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 5. ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LECARDELLI, Jane; PRADO, Noêmia Schoffen. Competência informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2001 a 2005. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2007.

LIMBERG, Louise; SUNDIN, Olof. Teaching information seeking: relating information literacy education to theories of information behaviour. **Information Research**: an international electronic journal, Borås, v. 12, n. 1, p. 1, 2006.

LLOYD, Annemarie. Information literacy landscapes: Information literacy in education, workplace and everyday contexts. Oxford: Chandos Publishing, 2010.

MACKEY, Thomas P.; JACOBSON, Trudi E. Reframing information literacy as a metaliteracy. **College & Research Libraries**, Chicago, v. 72, n. 1, p. 62-78, 2011.

MAUGHAN, Patricia Davitt. Assessing information literacy among undergraduates: a discussion of the literature and the university of california-berkeley assessment experience. **College & Research Libraries**, Chicago, v. 62, n. 1, p. 71-85, 2001.

MAYR, Philipp; WALTER, Anne-Kathrin. An exploratory study of Google Scholar. **Online information review**, Bingley, v. 31, n. 6, p. 814-830, 2007

MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, 2004.

ROSA, Flavia Goulart Mota Garcia; ODDONE, Nanci E. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 35, n. 3, 2007.

SCHWARZELMÜLLER, Anna F. Inclusão digital: uma abordagem alternativa. In: CINFORM, 6., 2005. Salvador. Anais [...]. Salvador: CINFORM, 2005.

SILVA, Helena et al. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, p.28-36, jan./abr. 2005.

SILVA, Márcia Regina da; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: revista de ciência da informação e documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 110-129, 2011.

SIMMONS, Michelle Holschuh. Librarians as disciplinary discourse mediators: using genre theory to move toward critical information literacy. **Libraries and the Academy**, Baltimore, v. 5, n. 3, p. 297-311, 2005.

ŠPIRANEC, Sonja; BANEK ZORICA, Mihaela. Information Literacy 2.0: hype or discourse refinement? **Journal of documentation**, Bingley, v. 66, n. 1, p. 140-153, 2010.

SUNDIN, Olof. Negotiations on information-seeking expertise: a study of web-based tutorials for information literacy. *Journal of documentation*, Bingley, v. 64, n. 1, p. 24-44, 2008.

TEWELL, Eamon. A decade of critical information literacy: A review of the literature. *Communications in Information Literacy*, Portland, 2015, v. 9, n. 1, p. 24-43.

TORRES-SALINAS, Daniel; RUIZ-PÉREZ, Rafael; DELGADO-LÓPEZ-CÓZAR, Emilio. Google Scholar como herramienta para la evaluación científica. *El profesional de la información*, Barcelona, v. 18, n. 5, p. 501-510, set./out. 2009.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, 2010.

NOTAS

01. BEHRENS, Shirley
03. MACKEY, Thomas P.; JACOBSON, Trudi E.
04. MAUGHAN, Patricia Davitt
05. LLOYD, Annemarie
07. JACOBS, Heidi
09. SUNDIN, Olof
01. DUDZIAK, Elisabeth Adriana
02. CAMPOLLO, Bernadete
03. SILVA, Helena et al.
04. MIRANDA, Silvânia Vieira
05. SILVA, Márcia Regina da; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini.
06. VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela
07. GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias
08. HATSCHBACH, Maria Helena de Lima
09. CAMPOLLO, Bernadete dos Santos; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves
10. ROSA, Flavia Goulart Mota Garcia; ODDONE, Nanci E.
11. HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda
12. DUDZIAK, Elisabeth Adriana
13. CAVALCANTE, Lídia Eugenia
14. DUDZIAK, Elisabeth Adriana
15. LECARDELLI, Jane; PRADO, Noêmia Schoffen
16. CAMPOLLO, Bernadete
17. SCHWARZELMÜLLER, Anna F.
18. GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias
19. CAMPOLLO, Bernadete Santos
3 Considerações preliminares
01. BEHRENS
02. ELMBORG
03. MACKEY, JACOBSON
04. MAUGHAN
05. LLOYD
06. SIMMONS
07. JACOBS
09. SUNDIN
11. LIMBERG, SUNDIN
01. DUDZIAK
02. CAMPOLLO
03. SILVA et al.
04. MIRANDA
05. SILVA; HAYASHI; HAYASHI
06. VITORINO; PIANTOLA
07. GASQUE

- 08. HATSCHBACH
- 09. CAMPELLO; ABREU
- 10. ROSA; ODDONE
- 11. HATSCHBACH; OLINTO
- 12. DUDZIAK
- 13. CAVALCANTE
- 14. DUDZIAK
- 15. LECARDELLI; PRADO
- 16. CAMPELLO
- 17. SCHWARZELMÜLLER
- 18. GASQUE
- 19. CAMPELLO

4 Análise qualitativa

5 Conclusão

- [1] Reconhecemos que muitas críticas podem ser feitas ao GS, como o fato de incluir indiscriminadamente todas as citações que é capaz de identificar e de indexar qualquer revista, independentemente de sua qualidade (TORRES-SALINAS; RUIZ-PÉRES; DELGADO-LÓPEZ-CÓZAR, 2009). Admitimos que o uso da base de dados do GS pode ser válido em um movimento inicial de caráter exploratório da pesquisa, devendo, a fim de manter o rigor científico, ser complementado com uma avaliação qualitativa dos resultados apresentados, conforme propomos aqui.
- [2] A decisão de avaliar qualitativamente os dez artigos mais citados de cada um dos quatro levantamentos feitos (chegando a um total de 29 trabalhos avaliados) atende ao que os autores consideraram necessário para a construção da análise proposta neste artigo, tendo em vista o critério de “saturação” (que, no presente caso, se dá ao percebermos repetições nos sentidos do termo “crítica”). Cabe observar, também, que a opção pelo critério de número de citações pode privilegiar trabalhos que, por terem sido publicados há mais tempo, tiveram mais tempo de serem lidos.
- [3] Coincidemente, o livro de Annemarie Lloyd foi o único texto que não pôde ser incluído em nossa análise qualitativa, uma vez que a versão impressa se encontra indisponível no Brasil e o acesso à versão digital depende do pagamento de 80 dólares à editora Elsevier. Consideramos que a ausência da obra não prejudica as considerações analíticas deste trabalho.
- [4] A expressão “teoria crítica”, segundo escreveu Perry Anderson em meados dos anos 1980, possui duas conotações dominantes: “[...] de um lado, um corpo teórico generalizado sobre literatura, de outro, um corpo teórico particular sobre a sociedade, originado em Marx. É este último que costuma levar maiúsculas, uma ascensão a um nível superior efetivada essencialmente pela Escola de Frankfurt nos anos 30.” (ANDERSON, 1985, p. 13).